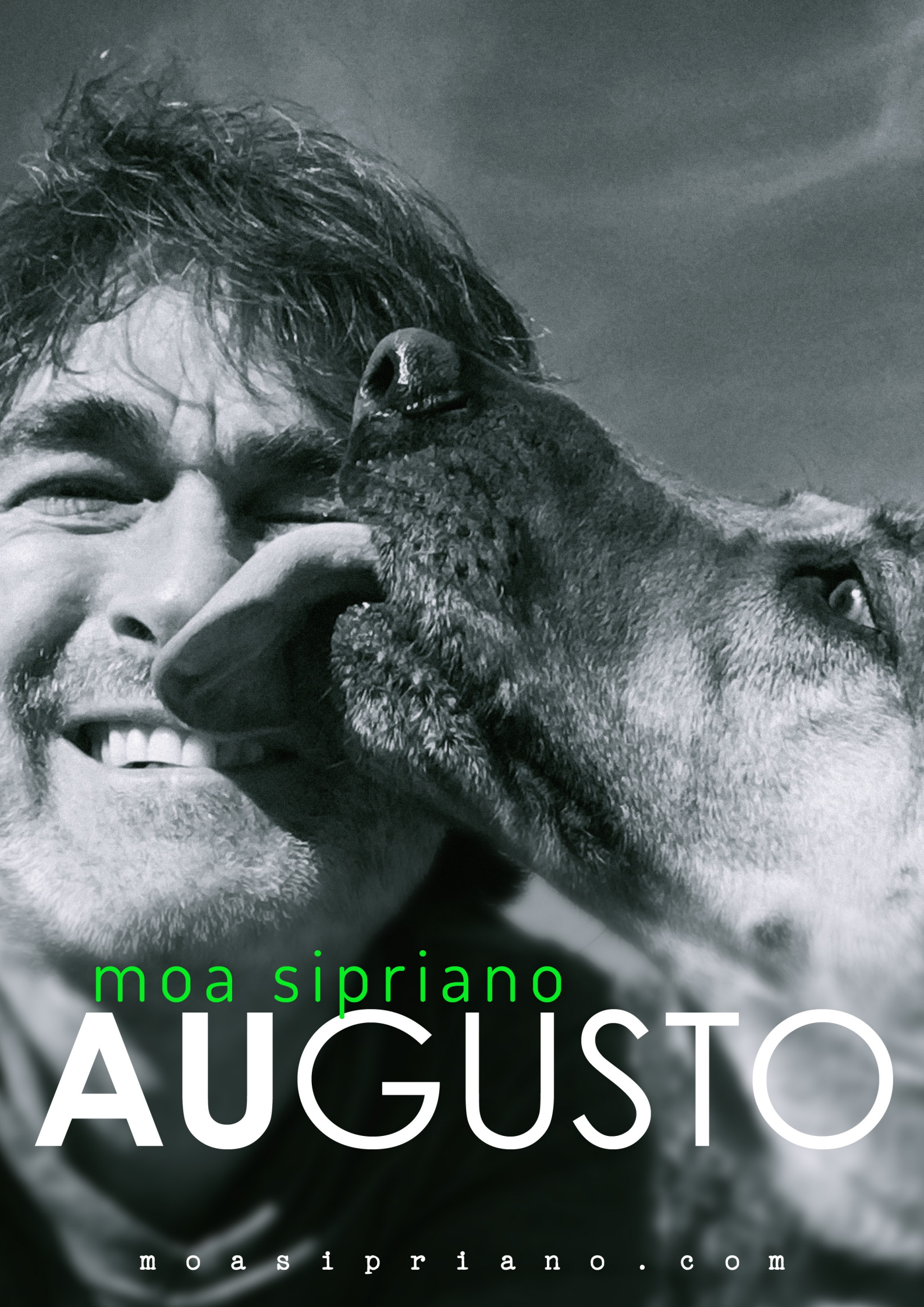




moa sipriano

AUGUSTO

m o a s i p r i a n o . c o m

AUGUSTO

Moa Sipriano

Oito da manhã. Acordei em prantos.
Meu peito rochoso? Esfaqueado.
Tudo, ao meu redor, está em moto-contínuo!

No banheiro, encarando o espelho desfigurado devido à endiabrada umidade característica da ilha, meu rosto permanecia eletrificado, distorcido, irreconhecível. Aquele desespero quase palpável e nova torrente de lágrimas encharcavam minha alma atribulada. Alma ferida, cabisbaixa, agredida sem piedade pela Dona Solidão.

Era evidente que aquela vaca histérica se divertia com o controle da situação. Eu, ainda seu sobrinho mais querido, era um mero brinquedo a rodopiar entre suas enrugadas mãos eletrificadas. Ela sabia que o momento de mais uma alteração radical na minha vida havia chegado, mas eu não sentia sequer a aveludada brisa da Mudança em mim-eu-mesmo.

Eu apenas suportava aquela dor terrível pelo sétimo dia consecutivo. Uma dor que eu, ingenuamente, imaginava ter erradicado do meu ser depois que finalmente compreendi o que é perder alguém.

A dor de uma ausência.

A falta de uma companhia.

Uma companhia masculina.

Eu implorava ascendente desejo dos toques sensuais, do cheiro, do sexo, da intensidade de um delicado novo amor viril.

Quinze anos. Quinze anos de solidão voluntária.

Oh, que expressão horrenda: “*solidão voluntária*”.

Mas é a mais pura verdade. Eu, simplesmente, *quis* permanecer sozinho.

Confesso que há muito tempo deixei de apreciar o contato com outras pessoas. Vá lá, não sou tão radical assim; talvez eu ainda suporte o mínimo necessário, correto, civilizado, aceitável.

Oh, por que sou tão confuso?

Bom dia, senhor Carteiro; bom dia, Moça Bonita do caixa. Sou educado com quem cruza meu caminho. Porém, no meu íntimo, não tenho vergonha em admitir que já não confio mais no ser humano. Daí a origem da minha filosofia decadente de botequim: solidão voluntária.

Viver longe do mundo em uma ilha paradisíaca é algo desejado por muitos, mas são poucos a sustentar a coragem e a determinação necessária para, enfim, dar o segundo passo.

Eu tive.

Por um lado, confesso, abandonei uma vida medíocre, sem tempero, sem tesão, sem respeito. Por outro, acabei desistindo da “Sociedade” assim que meus amores partiram.

Nasci em São Paulo. Minha infância foi totalmente comum. Filho de pais divorciados – fato ocorrido quando eu tinha uns oito anos –, morei bom tempo na casa da avó materna, enquanto minha mãe dava um duro danado para sustentar o filho único, lavando e passando roupas em casas de gente abastada.

Sim, eu sei, início de história hiper clichê. Mas não sou aquele tipo de perdedor que teve uma infância difícil e cresceu revoltado contra o Destino, contra os afortunados ou coisa que o valha.

Entre livros e pesquisas (quanta saudade da Biblioteca!), aprendi que todos os acontecimentos da minha existência foram opções que eu mesmo escolhi... antes do desembarque. Sobre o caminho selecionado, árduo ou não, eu simplesmente percorro, sem jamais me queixar.

O sofrimento nada mais é do que o resultado da nossa vasta ignorância.

Mesmo não tendo, quando criança, acesso ao conforto e ao bem-estar material imposto pela mídia, ao menos eu tinha o que considero, até hoje, bens mais importantes: na casa de minha avó eu recebia amor, carinho e compreensão em excesso. Minha mãe e minha avó eram santas guerreiras. As únicas mulheres que amei de verdade.

Já minha adolescência foi meio tumultuada, um pouco incomum, pois desde que aprendi a ler e a escrever, meu mundo sempre fora pontuado pelo aprofundamento na leitura e na convivência preferencial com adultos pensantes.

Irritava-me estar próximo de gente ignorante, fútil e leviana. Era um suplício ter que participar de turmas, grupos ou atividades em conjunto com outros colegas da mesma faixa etária. Discutir sobre *All Stars* cano longo ou curto, bico fino ou quadrado; ou qual o modelo de calça *Fiorucci* usar na famosa festa da Aninha... isso era demais para mim!

De raciocínio rápido e dono de um carisma fora do comum, mesmo a contragosto era natural eu assumir a posição de líder de qualquer coisa nas entranhas do colégio. E por mais que eu tentasse “ficar na minha”, sempre acabava sendo escolhido para comandar os colegas. Sendo assim, eu procurava desempenhar meus afazeres da melhor maneira possível.

Perante os invejosos – desprovidos de qualquer qualidade digna de nota –, as piadas referentes à minha exuberante inteligência, além do vasto conhecimento cultural e, claro, dos meus trejeitos um tanto delicados em excesso para os padrões da época, foram detalhes que eu acostumei a tolerar e a ignorar desde sempre.

Em muitas ocasiões, viver cercado de meninas bonitas fazia meus inimigos se consumirem na dúvida e na confusão mental sobre minha sexualidade. Isso, assumo, me divertia!

Nunca fui santo. Lembro-me das brigas homéricas que ocorreram em bailes dançantes, quando eu me recusava a retirar uma guria para algo mais íntimo.

Eu preferia ficar ao lado do rapaz que dava o som ou papear com um garçom mais velho. No meio da festa, muitas vezes eu era motivo de chacota pela turma dos machos parrudos-sem-cérebro, onde uma onda de obscenidades reverberava em meus tímpanos sensíveis, provocando uma reação motora instantânea sobre minhas mãos parrudas, que golpeavam sem piedade aquelas faces pueris, ignorantes.

Eu era a “mocinha”, segundo eles. Então, como uma boa moça de família, eu defendia minha honra e minha dignidade dando um ótimo corretivo em qualquer filho da puta que não respeitasse minha, sei lá, escolha sexual muito bem definida, o meu espaço, os meus direitos.

Na década de 1980, ser *viado* assumido era coisa para macho. Muito macho!

Abandonei o colégio na antiga Sétima Série. A escola não acompanhava meu ritmo e eu não tinha mais saco para aguentar ensinamentos ultrapassados, soníferos, insossos. Aprendi muito mais devorando todos os livros da Biblioteca Pública do que bocejando durante as teorias da Física. E nas aulas de Matemática, eu vivia compondo poesias homoeróticas para um príncipe imaginário que eu sonhava, um dia, encontrar.

Após deixar os estudos formais e, por opção, viver de bicos em trabalhos subalternos, minha “profissão” surgiu por acaso, quando completei dezenove anos.

Durante um raro encontro forçado com meu pai – coisas arranjadas pela minha avó, que não se conformava com a ausência paterna –, ganhei a contragosto mais um frio abraço, meia dúzia de hipócritas frases moralistas e a Nikon de estimação do velho. Aliás, esta foi a única coisa material que ele me deu até hoje.

Com o apoio de um tio abastado e solteirão, também louco por fotografia como o irmão irresponsável, filmes e revelações jamais pesaram no meu orçamento.

Sozinho, autodidata, após destroçar avidamente durante noites não dormidas uma caralhada absurda de manuais técnicos, livros de arte e revistas importadas sobre fotografia, passei a capturar e a revelar tudo à minha volta. Em um ano e milhares de cliques depois, descobri minha vocação para fotografar objetos de arte.

Por que objetos de arte?

É simples: Objetos de arte são pacientes, se expressam numa linguagem universal onde palavras são desnecessárias e só precisam de uma fonte de luz adequada para manifestar todo o seu esplendor.

A arte jamais é vazia. Ela sempre tem algo a nos dizer, a nos ensinar.

Não existe arte preconceituosa, muito menos arte ignorante.

Jamais importará a formação ou a moral do artista. O que vale é a sua obra, é o que ele deixa para o mundo. A arte dos dementes é eterna.

* * *

Agosto, mês sagrado da Loucura.

Indiretamente, foi clicando uma exposição nebulosa numa galeria furreca enfurnada em Perdizes, que acabei conhecendo meu primeiro homem.

Gastei oito rolos fotografando quadros e esculturas alegres demais para o meu gosto. Sinceramente, confesso que até hoje não sei o que me levou a tomar essa atitude. Simplesmente entrei, cliquei, sorri para a *marchand* com cara de tédio, elogiei as obras (que eu não havia gostado), deixei um cartão e fui embora. Esse era um daqueles típicos eventos magistrados por um Destino bêbado, desmiolado.

Eu estava deitado no imenso sofá da diminuta sala, quando minha intuição trôpega implorou para que eu montasse um álbum simples a fim de presentear o artista que ainda não era uma estrela.

Dois dias depois, levei o tal álbum com dezoito imagens aleatórias até a galeria e lá deixei minha humilde contribuição para ser entregue ao artista plástico o qual eu nem conhecia a fuça!

Três dias se passaram, quando recebi um telefonema excitado, de uma voz grave e profunda que, aos prantos, elogiava a minha maneira espetacular de captação de luz e sombras e cores e texturas etéreas. Eu havia assimilado a essência daquele artista.

Naquela mesma noite, após um lauto jantar num estupidamente dispendioso restaurante no Jardins, Lauro ficou encantado com o meu jeito ingênuo de encarar a vida, e também com a minha zero experiência na arte da sedução e do sexo.

Eu era virgem. Em todos os sentidos!

Foi na quina de uma sala que era maior do que a casa da minha avó, nu, esparramado sobre um tapete felpudo e imaculadamente branco, que meu corpo trêmulo até então intocado por outro homem foi deflorado numa penetração profunda, onde após minutos eternos de sobe-e-desce eu pude compreender o ritmo do suor, os gritos do êxtase e o jorro de uma essência fumegante e ácida a inundar minhas partes baixas. Meus primeiros “onze minutos” de fodaria inaugural.

Eu tinha o artista dentro de mim. Eu havia capturado seu coração e meu rabo, o seu pincel alado. Foi a primeira vez de tudo. Foi meu último suspiro de liberdade.

Eu era totalmente pango. Não havia se passado nem uma semana e num belo e radiante sábado, pela manhã, eu estava de mochila pronta para viver sob o mesmo teto do meu marido-artista-quase-famoso.

Deslumbrado com aquele macho elegante de feições nórdicas e com aquele universo artístico que não era minha realidade, eu passava os dias tirando fotos de quadros repletos de traços escuros e cores gritantes e toda noite eu tirava a roupa e cavalgava sobre o meu varão berrante.

Lauro era pra lá de escandaloso durante o ato metedoido.

No resto do tempo, enquanto ele criava, pintava, negociava, expunha e viajava aqui e ali, eu ficava trancado em meu quarto ouvindo Mozart e Depeche Mode, folheando livros e revistas estrangeiras repletas de imagens magníficas dos grandes mestres da pintura ou da fotografia contemporânea.

Clicar, folhear, trepar.

Eis o resumo da primeira parte da minha vida adulta.

* * *

Durante o café da manhã, tentando comer uma torrada murcha e sorver um chá frio, ancestral, feito há dois dias no auge da minha depressão, a dor continuava a golpear meu peito e nuca, escurecer meu olhar e asfixiar meu espírito.

Eu precisava do ar puro que vinha do Sul.

Onde estavam as brisas gélidas do meu inverno tão amado?

Pela janela da cozinha eu observava as preguiçosas ondas quebrando nas areias indiferentes. Fechei os olhos para ouvir o oceano que mais uma vez tentava consolar a minha alma melancólica com seu timbre sereno, suave, eterno.

“Ah, meu querido e fiel amigo, dessa vez nem você vai conseguir abrandar esta minha dor”, eu murmurava num sussurro, em prantos, enquanto encarava a espuma branca lambe o quintal colossal que era a minha praia exclusiva.

Então ele me disse, do seu jeito rouco, sensual: “*Companhia, companhia, você precisa de companhiaaaa...*”, a voz grave se decompondo ao sabor do Vento Sul, o bendito ar invernal que finalmente dava as caras arroxeadas. Meu segundo amado companheiro.

Sentado na frente do chalé, mantendo o olhar perdido além-mar, inspirei profundamente a brisa salmoura e tomei a decisão de sair no dia seguinte para procurar alguém, de modo a amenizar minha dor e distrair meu sofrimento.

Voltei para cama e me escondi da luz matinal que queimava minhas origens vampíricas. Voltei para a dimensão silenciosa das trevas tão conhecidas.

Debaixo do lençol, chorando, eu me sentia dopado, acabado, natimorto.

Ela pairava sobre minha cabeça. Ria de mim.

Fora, fora, fora! Tia Solidão, sua histérica. A senhora vai ter que ir embora!

Eu tinha certeza de que iria encontrar alguém para ficar comigo. Eu estava convencido de que podia sentir mais uma vez a maciez de pelos entre meus dedos e do calor de um longo e demorado abraço, complementado com muitos beijos por todo o meu rosto cansado.

Rolaríamos na areia ou no meu lindo e bem cuidado gramado.

Ele, serelepe, pularia sobre mim, gritando e sorrindo e pedindo mais.

É isso mesmo, Dona Solidão.

Eu quero um *cachorro*!

* * *

O calor do meio-dia não era páreo para o vento gelado que vinha da Ponta da Praia. Arrastando meus pés nas areias encharcadas, meus parcos pensamentos rodopiavam pelo ar revolto e minha realidade era retomada somente quando a água dois graus carcomia meus pés descalços, rachados, doloridos.

A irritante dor no peito manifestada durante uma semana inteira ainda me incomodava. É incrível como nos acostumamos rapidamente com a dor, ainda mais quando o sofrimento não é de origem puramente física.

Minutos antes de sair de casa, titubeante, eu liguei para um dos meus poucos contatos aqui da ilha. Era uma garota apaixonada por animais, que trabalhava na Prefeitura. Questionei qual atitude eu deveria tomar em relação a possuir um cachorro. Comprar ou adotar? Onde? Como? Qual o melhor “modelo” para o meu caso crônico de solidão?

Em apenas quarenta e três segundos de um discurso comovente, Márcia me convenceu a adotar um bichano sem raça definida.

Ao desligar o celular, acreditei que não seria difícil encontrar um novo amiguinho durante minhas caminhadas pela orla. Bastava eu prestar um pouco mais de atenção nos candidatos espalhados por aí.

Ilha Comprida era o paraíso dos cães “bufês”. São aqueles que têm um pouco de tudo, numa miscelânea incalculável de cruzamentos medonhos.

Fora da temporada, no meu paraíso a gente muitas vezes esbarra com cães de todos os tipos, cores e tamanhos. Há animais macilentos que causariam a fúria de um protetor engajado. Também há exemplares ainda saudáveis que zanzam em grupo por todos os cantos. Perdidos, tristes, confusos.

Resultado dos muitos filhos da puta que vêm gandaiar nas épocas de festas, trazem o bichano e partem depois da farra, largando o coitado a ver gaivotas, assustado, faminto e sem direção. Que ódio!

Mas quando um Focinho tem a sorte de cruzar com o nosso olhar livre de preconceitos... revelam a esperança de ser aceitos e amados em seus olhinhos *piduxos* de atenção e uma faísca de carinho.

Eu sabia de tudo isso, mas até então havia fechado meu coração perante toda e qualquer manifestação de amor e de afeto, seja de um homem, seja de um cão.

Caminhei por quase três horas no sentido Ponta da Praia – Boqueirão e vice-versa. Encontrei alguns caramelos brincando de pega-esconde entre as dunas, mas nenhum era novinho ou passivo o suficiente para que eu pudesse adotar e educar desde a mais tenra idade.

Cansado, sentando na areia úmida, deixei as ondas calmas beliscarem minhas coxas grossas e brancas que contrastavam violentamente com o mar de pelos acobreados que cintilavam graças aos raios furiosos de uma tarde irretocável.

Eu brincava de desenhar formas difusas na areia enquanto ondinhas sapecas apagavam, sorrateiras, minhas obras de arte que não eram artes.

Obras de arte. Lauro. Separação.

A nossa união durou vinte e dois meses.

Esgotado de fotografar traços e cores e mãos paranoicas rabiscando telas em branco e creme, além de ser utilizado como um boneco inflável trepante e submisso toda santa noite, finalmente criei coragem, joguei tudo para o alto e numa quarta-feira triste anunciei com gritos dalailâmicos para o meu marido – após sua devida gozada egoísta – que eu estava deixando o calabouço... em definitivo!

Resumindo a despedida sem maiores delongas, pois todos sabem como acabam os relacionamentos amalucados entre gays, houve cenas de muito choro, muito ataque de posse, muito “você não pode me abandonar nesse momento...”, muito “você não é nada sem mim...” e outras pérolas do gênero: “sou sempre a vítima, *darling* (mãozinha pra cima, estalo de dedos), tá boa?”.

Eu não aguentava mais ficar preso naquele castelo de concreto armado, sem poder sair (*a não ser em minha companhia*), sem poder fotografar as obras de outros artistas (*você é meu, exclusivamente meu, e sou eu que sustento o teu trabalho*), sem poder descobrir outras formas de prazer (*vire, abra as pernas, fica de quatro; eu meto, meto, meto, gozo, viro e durmo... e você?, você que se levante e vá bater uma lá no último banheiro!*).

Lágrimas, revoltas e solidão num sem número de punhetas doloridas.

Meu nome é Ricardo.

Meu sobrenome?

Submisso!

De um dia para o outro as pinturas de Lauro estouraram no mercado. Tudo por causa de uma perua nova-rica, mulher de um empresário um tanto suspeito, que havia adquirido por uma pequena fortuna toda uma coleção meia-boca que estava empacada naquela galeria; quadros sem sentido criados pelo artista num momento de crise existencial.

Na decoração incompreensível de um apartamento rococó, feita por um argentino piegas, quadros pouco inspirados do meu amante mereceram destaque todo especial. A “criação” saiu estampada em oito páginas de uma prestigiada revista para arquitetos e designers de circulação nacional, onde o marido da perua publicava anúncios de páginas duplas de seus empreendimentos também um tanto que... suspeitos.

Lava, lava, meu dinheirinho...

O telefone não parou mais de tocar. As encomendas de naturezas mortas e enterradas explodiram. Lauro conquistou o Brasil. Lauro ficou rico. Lauro ficou poderoso. Lauro queria mais sexo. Lauro não se contentava mais com o insosso do Ricardo. Simples assim.

Para os amigos e clientes, Lauro era sempre todo sorriso, todo atenção e todo afago. Para mim, restava o “laurinho torto, rugoso, mas sempre empinado”, que eu era obrigado a por na minha boca e no meu rabo *todas* as noites.

Fama, fama, fama. Dinheiro, jantares, viagens. Parceiros ocultos e sem identidade em quartos de hotéis europeus, durante a primeira exposição internacional.

No dia nove de setembro de noventa e qualquer coisa ele voltou, triunfante e deslumbrado, da Itália. Houve uma última trepada.

E um adeus. De minha parte, é claro.

Para que eu não “passasse fome” e pelo “ótimo serviço prestado”, segundo as palavras fofas do meu ex-marido, fui agraciado com três quadros de sua autoria e mais uma pequena coleção de esculturas dantescas lapidadas em pedra-sabão.

Sem pestanejar, em menos de quarenta e oito horas, Dona Sorte resolveu sorrir pra mim: o *encalhe* foi repassado a um cliente da imobiliária do meu tio, fã oportunista das obras de Lauro, que era capaz de pagar quantias absurdas por qualquer merda que o artista do momento rabiscasse num pedaço de lona barata.

Mas o que importa é que agora eu tinha muitos dólares na mão, um colecionador babando de felicidade sonhando com o retorno certo do investimento em médio prazo e um artista-comedor devidamente sepultado no passado.

Simples... assim!

Por intermédio desse meu tio (o mesmo que me abastecia com quilos de filmes e ainda bancava a revelação das minhas fotos), acabei conhecendo a famosa “ilha comprida”, localizada no litoral sul de São Paulo, durante um fim de semana de uma toska liberdade recém-adquirida.

Liberdade. A imensidão das praias límpidas e desertas encantou meus sentidos. Bati o martelo. Titio George providenciou tudo.

Pirlimpimpim, eu já tinha uma casinha só pra mim.

Meu refúgio era um furreca chalezinho quarto-e-sala de frente para o mar, localizado no balneário Mar Azul, sem vizinhos ou turistas medonhos a me incomodar. Assumi que minhas novas obrigações, além de pagar certinho água, luz e IPTU, se resumiam a uma pintura aqui, aparar a grama ali, enfim, poucas manutenções necessárias. Muros na altura ideal e seis pinheiros frondosos rodeando o meu forte garantiam total privacidade.

Eu estava feliz. Muito feliz!

* * *

Uma força colossal empurrou o restante da minha autoestima para debaixo das solas dos pés trincados. Lágrimas, lágrimas, lágrimas. Eu desejava afundar o resto de mim-eu-mesmo na areia fofa e deixar as ondas me arrastarem para as profundezas do nono oceano. Eu queria sorver o elixir salobro e deixá-lo queimar minhas entranhas imundas. Eu queria ficar dopado e alegre e lambar a barba e a bengala de Poseidon.

Oh, Senhor Siri, boa tarde. Pince minha pele enrugada. Rasgue meus poros pitanga. Corte minhas veias distorcidas e misture na areia clara o meu sangue ralo.

O que estava acontecendo comigo?

Por que tanto sofrimento, tanta angústia?

Angústia, angústia, angusto... Augusto?

Porra, de onde surgiu esse nome: *Augusto*!

Estapeei meu rosto corado até sentir uma necessária ponta de dor a recobrar minha sanidade. Derrotado, levantei-me com dificuldade, decidido a voltar para casa sem meu novo companheiro de quatro patas.

Aquele nome masculino não me saía da cabeça. De onde veio esse nome? Jamais conheci nenhum Aug... eu já não tinha mais certeza de nada. A voz fanhosa e afetada

do meu diabinho-da-guarda não parava de sussurrar “augustos” nas profundezas do meu ouvido esquerdo.

Alucinado, cheguei a acreditar que a tia Solidão, querendo curtir uma com a minha cara, havia convidado a tia Demência para deturpar o mínimo de sanidade que ainda me restava. Eu podia ouvir os gritos cadavéricos das loucas vacas profanas e sentir o ar pútrido evacuado do capacho vermelho rabudo ecoando em estéreo na minha mente atribulada. Tapei os ouvidos.

Já de volta ao meu lar-agora-prisão, jogado embaixo do chuveiro, deixando a água em temperatura ambiente abrandar meu estado deplorável, pude sentir meus olhos ainda inchados por causa do choro ininterrupto derramado pelo caminho.

Dor, dor, dor irracional.

Encarando com dificuldade as formas difusas que as gotas cáusticas criavam nos azulejos frios, imaginei ter vislumbrado um semblante a sorrir, onde minúsculos pontos translúcidos formavam um belo sorriso encaixado num rosto magro, esquálido, e um olhar apagado parecia quebrar o encanto daquele sorriso lindo.

Naquele olhar havia tristeza, solidão, desespero. O olhar perdido refletia, como um espelho, o que eu havia me transformado.

Augusto, onde está você?

* * *

De onde vem o meu sustento e o que faço na vida, hoje?

Nenhum segredo.

Com os dólares que ganhei na venda das artes do meu ex-fodedor, foi possível bancar minha nova vida na humilde casinha. Adquiri também uma geladeira, um fogão de duas bocas, uma mesa de plástico com duas cadeiras, uma cama de solteiro e uma pequena cômoda.

Eu trouxe da casa de minha avó uma tevê jurássica de quatorze polegadas e um arcaico (arcaico não... clássico!) Macintosh que ainda dá no couro, onde arquivo velhas fotos digitalizadas do meu passado nikonográfico.

Após treze anos sem comunicação externa, criei coragem e comprei meu primeiro celular. O uso é restrito em raras situações de emergência, pois quase nunca tenho para quem ligar.

O restante do dinheiro foi convertido num investimento conservador, que atualmente provê exatos oitocentos e três por mês, lucro que salda minhas dívidas triviais de água, luz, impostos e raros créditos para o telefone; e ainda me sobra o mínimo suficiente para as necessidades de higiene pessoal e da casa, além da alimentação.

Os antigos traços alucinados e as cores gritantes de Lauro proporcionaram o meu conforto atual. Sou muito feliz com o pouco que tenho. Não preciso de mais nada.

Ou quase nada.

Aproveito o dia lendo muito, caminhando muito, filosofando, tentando me encontrar. O que para você pode parecer um total desperdício de vida, para mim é a contemplação de um estado de liberdade plena.

Já que não tenho as amarras da ambição e nem pretendo adquirir nada mais de origem material para mim, a vida quase monástica tem sido gratificante no sentido da paz interior que eu finalmente conquistei ao longo dos anos.

Hoje não tenho mais ninguém. Por uma brincadeira macabra do idiota do Destino, minha avó, minha mãe e meu tio George se foram. Todos partiram no mesmo ano, 1993, na diferença de poucos meses. Velhice, atropelamento, latrocínio. Quase enlouqueci naquele ano. O fim de três existências que deixarão saudades eternas.

E sobre meu pai ausente? Nada sei. Nunca mais o vi.

Não quero mais falar sobre assuntos de família.

* * *

Meu desejo sexual está criogenado. Quando chega a alta temporada, vejo o desfile de centenas de corpos deslumbrantes cobertos por minúsculas sungas e nada sinto. Na introspecção das minhas caminhadas solitárias, muitas vezes ocorre a troca de famintos olhares masculinos.

Baixo a cabeça.

Sigo meu caminho.

Sufoco meu tesão.

Na solidão densa do andar superior, manipulo meu sexo lentamente, imaginando corpos sem rostos a me consumir incessantemente. Termina com o ventre úmido de suor e sêmen e culpas. Experimento o sabor da minha própria essência. Adormeço com a boca e o corpo besuntados com o que restou da minha pureza amarga. Solitário.

Tudo estava bem até poucos dias atrás, quando os pesadelos tortuosos e as dores lancinantes no meu peito indicavam que algo perturbador estava para acontecer.

Mas o que? Quem? Quando? Onde? Como?

* * *

Durante o inverno na ilha, o espetáculo proporcionado pelos céus ao entardecer é algo único. Tons lilases se misturam aos azuis e cinzas; e a pintura divina se estende sobre um mar quase esmeralda, em cristais flocados, onde o marulho das ondas entoava as mais belas sinfonias, nos serenos finais de tardes contemplativas.

Sons mágicos que transportam nossas almas para dimensões superiores, quando então ficamos mais próximos das Divindades que conduzem a Natureza.

Cumprindo minha rotina, eu caminhava solitário a passos curtos, roçando meus pés frios na areia fofa, molhada, frienta. Cinco minutos de caminhada separavam minha casa de um refúgio só meu: o Quiosque Azul.

Este local ferve quando há turistas. Muito pagode, muita cerveja, muita gente tentando roubar frações de felicidade sensual; muita porção de camarão, muito barulho, muita futilidade.

Mas na baixa temporada o quiosque fica fechado, inoperante, deserto. E é nesse pedaço de concreto aparente e muita madeira colorida, próximo do balneário Riviera, que eu costumo meditar, por horas a fio, fitando um mar sem fim, muitas vezes apreciando as formas de um pequeno barco de pesca ou me divertindo com as travessuras de ondas que competem entre si para chamar minha atenção, mostrando suas curvas perfeitas e seus brancos mais puros.

Encostei meu corpo cansado na parede frígida de cimento rústico. Recuperei a respiração normal. Tanto do meu lado direito quanto do meu lado esquerdo, nenhum ser humano num raio de dezenas de quilômetros. Havia somente eu, o mar, as areias, o vento, os siris e um barquinho vermelhinho bem distante, bailando ao sabor da maré. Adormeci.

* * *

Latidos, uivos, gritos de um desespero palpável.

Um pedido de socorro?

Acordei em sobressalto, movendo a cabeça confusa para todas as direções.

Salve-me, salve-me, ele implorava em seu choro infantil, murmurado, sofrido.

Corri embestado na direção do ser indefeso. Encontrei-o acuado atrás de uma duna, enquanto um monstro rosnava feroz para aquela horrorizada vítima emboscada.

Peguei um resto de boia que encontrei perdida na areia. Atirei o pedaço de isopor na direção do monstro-cachorrão, que saiu, protestando, em disparada.

Coberto de areia até a ponta de orelhas espetadas e trêmulas, lá estava meu pequeno príncipe titubeante, confuso, assustado com a realidade do mundo maligno

ao seu redor. Em pouco tempo ele descobriria que somente os mais inteligentes dominam as chaves da sobrevivência.

Antes mesmo de envolvê-lo em meus braços, joguei em alto e bom som uma oração emocionada aos céus, agradecendo a oportunidade de poder cuidar daquela doce criatura.

Ambos chorando feito verdadeiras crianças desgarradas, um de alegria e outro de pavor, apanhei meu menino com toda delicadeza, trazendo-o para o calor do meu convidativo corpo macio.

Sacudi seu excesso de areias e descobri embaixo dela um tiquinho de alegria, onde uma língua miúda lambia meus dedos com sofreguidão e um par de olhos negros, cintilantes, agradecia minha ajuda num momento tão crucial daquela recente existência.

* * *

Pequeno Príncipe beliscava com suas garrinhas a minha barriga branca e lisa. Tínhamos dormido no chão do meu quarto, sobre o tapete. Acordei dolorido, porém revigorado, e logo tratei de abrir um largo sorriso que há muito tempo permanecera estagnado. Foi uma noite tranquila, apesar da sufocante dor nas costas.

Meus pesadelos e o babão-cachorrão foram assombrar em outra freguesia.

O príncipe estava fedidinho. Foi direto para o banheiro, onde ganhou carícias vigorosas debaixo da enxurrada morna e incessante que despencava do chuveiro.

Espuma com cheiro de erva-doce, mil bolhas, latidos de satisfação e felicidade. Ele gostava de água. Abusei de um bem tão precioso, eu sei, e ficamos por quase meia hora debaixo da cachoeira a purificar nossas almas feridas, carentes, sensíveis.

Seca, enxuga, brinca. Enroscados numa velha toalha azul e branca estampada com o símbolo do Grêmio – meu time do coração –, nos divertíamos na pequena área de serviço que ficava do lado de fora da casa, encostada ao banheiro, onde o astro-rei pincelava feixes de luz certa que faziam cintilar os negros e caramelados pelos cambiantes do pequenino.

Meio litro de leite de soja foi a recompensa daquela manhã perfeita. Ele estava faminto! Pouco antes do meio-dia, na falta de uma ração adequada, acabei preparando para o primeiro almoço do meu menino uma generosa porção de arroz branco, sem temperos.

* * *

Em mais um final de tarde fascinante, eu e meu pimpolho, devidamente amparado junto ao meu tórax largo, saímos para um passeio à beira-mar. Não nos distanciávamos muito de casa.

Sentado num idoso tronco de madeira trazido recentemente pelo mar, apreciando as luzes refletidas naquela vastidão de águas da cor de quartéis, eu namorava meu menino, não dando nenhuma atenção ao mundo que rodopiava ao nosso redor.

Durante as brincadeiras infantis eu acabei ignorando completamente Tempo e Espaço.

* * *

“Aí está você, seu danado!”, uma voz roufenha surgiu logo atrás de mim, fazendo com que eu despertasse para a realidade e trouxesse instintivamente para junto do meu coração o meu amor indefeso.

Um mendigo, com ar sério, ameaçador, retirou o cão das minhas mãos delicadamente, enquanto eu, paralisado, sustentava meu olhar dentro do olhar sapeca do danadinho, que reconheceu de imediato o seu legítimo Amo e Senhor.

“Desculpe-me. Eu não sabia que...”, eu tentava dizer ao estranho, mas travei as palavras, encantado com a cena que se desenrolava à minha frente, de um pai felicíssimo por ter reencontrado seu tão amado filho.

“Estrogonofe, seu safado, tu tá bonito, hein, tio!”, disse o homem malcheiroso ao cachorro, abrindo um sorriso maroto de dentes inacreditavelmente brancos e perfeitos, enquanto sacudia o pequenino no ar.

“Estrogonofe?”, perguntei, confuso.

“Sim... é o nome do pestinha. Estrogonofe”, confirmou o estranho, sem olhar para mim, segurando o cão com uma das mãos, me cumprimentando com a outra, seguido de um desengonçado tapinha no meu ombro esquerdo. Senti a aspereza de sua pele malcuidada. Senti o seu desdém pela minha pessoa.

“Quando eu era criança”, ele continuou, sem cerimônias, sentando-se ao meu lado, aprumando sua propriedade no colo, “minha mãe adorava preparar esse prato. Todos os domingos e em todas as ocasiões especiais, principalmente quando havia alguém importante em casa, lá vinha Mamãe Alaíde com sua travessa fumegante do seu famoso estrogonofe.”

Eu comecei a rir, a princípio timidamente, mas de repente não deu mais para aguentar. Eu gargalhava sem controles, como há séculos não ria com tanto prazer. O coitado do cãozinho tinha realmente cara de guisado de carne.

“Então”, continuou o estranho, olhando para o Vazio, pasmo com o meu histerismo, “quando encontrei o porrinha lambendo uma embalagem vazia de estrogonofe pré-fabricado, não tive dúvida na escolha do seu nome.”

“E por falar em nome, o meu é Ricardo, moro próximo, naquela direção”, eu disse, ainda tentando controlar o riso, pondo-me em pé, limpando minha mão direita na bermuda surrada e esticando meu braço logo em seguida para a realização de um cumprimento formal.

“Você mora aqui há muitos anos?”, ele perguntou, seco, ignorando completamente minha apresentação pessoal.

“Quinze anos”, respondi, olhando fixamente para o mar calmo, encabulado, recolhendo meu cumprimento cordial, desprezado.

“Nove”, ele disse. “Moro na ilha bendita há nove anos”, complementou, levantando-se e sacudindo as areias grudadas em seu moletom puído.

“Está escurecendo. Olha aquelas nuvens pesadas! Preciso voltar para casa”, o mendigo disse, nervoso, enquanto fazia carícias no focinho do filhote.

Com um aceno de cabeça, me despedi a contragosto, um pouco triste por ter perdido meu pequeno príncipe.

Eu aguardava ao menos um “muito obrigado por ter cuidado do meu cão”, mas percebi que nada levaria o sujeito a se manifestar dessa maneira.

O mendigo também se despediu com um aceno tímido, deslocado, segurando a patinha do fiel amigo, simulando um “tchauzinho” em minha direção. Sem entender nada daquela realidade, sorri sem vontade e, sem mais palavras, dei meia-volta para me recolher à minha insignificância.

Dez passos adiante, meu personal-diabinho sussurrou algo em meu perispírito. Um calafrio percorreu todo meu corpo de baixo para cima, onde uma forte pontada atingiu em cheio o meu peito liquefeito, na altura do coração.

Entre zunidos, virei rápido demais e quase perdi o equilíbrio do corpo trêmulo. Gritei asperamente, tentando suplantar o som agudo do vento:

“Augusto?”, mal pronunciei o nome e areias movediças bailavam sob meus pés.

O mendigo estancou, soltando o cachorrinho na areia úmida, que contrariado, passou a arranhar as pernas finas e compridas daquele homem eletrificado.

Balançando a cabeça, como se não tivesse assimilado a pronúncia com clareza, ele olhou para trás e mesmo com pouca luz natural, eu pude captar o espanto em seu olhar castanho.

“Como você me chamou?”, ele me intimou, vindo em minha direção, rápido além do que poderia ser seguro.

“Augusto. Teu nome é Au... gosto, não é mesmo?”, eu disse, gaguejando, as pernas tinham perdido todos os ossos, agora dissolvidos, misturando-se nas areias turvas da minha imaginação fantástica.

“Não pode ser verdade. Piração, cara. Nunca nos vimos, carinha, isso eu tenho certeza. Isso não tá acontecendo. E como você sabe o *meu* nome?”, ele vociferou, acima do vento de rajadas, vindo para cima de mim. Eu comecei a chorar.

* * *

Tudo aconteceu rápido demais. Ou em câmera lenta, não sei.

Fiquei desordenado.

Foi um sonho aflitivo? Um resgate cármico?

Uma brincadeira de anjos nefastos?

Eu pedi um cachorro e vocês me despacharam esse selvagem?

Selvagem. Que maldade!

Dormindo, ele não parecia tão mau assim.

Eu acariciava seus cabelos escuros, levemente grisalhos nas têmporas.

Seu corpo suado repousava, tranquilo, em meus abraços.

Não tive coragem de despertar Augusto dos seus sonhos atlânticos.

Estrogonofe dormia a sono solto também. Descansando seu corpinho bem colado nas solas dos meus pés. Éramos uma família em repouso após a tormenta.

Uma família estranha iniciando uma nova jornada.

* * *

Chega de devaneios. Você precisa saber o que realmente aconteceu.

O mendigo veio em minha direção como que alucinado. Mais dois passos, eu achava que aquele homem esmurraria minhas faces rúbeas, assim, sem motivo aparente.

Mais um passo. Ele cambaleou na minha frente. Perdeu toda a energia. Seu mundo se apagou. Latidos angustiados do pequeno cão, saltitando ao lado do seu mestre. Eu, paralisado, petrificado seria melhor dizer, não sabia qual atitude tomar.

Segundos eternos se passaram até que consegui novamente segurar as rédeas de mim-eu-mesmo. Por instinto, levantei aquele corpo esquelético, tão facilmente que o ato inédito surpreendeu meus sentidos primitivos de proteção.

Meu bom senso dizia ao longe que aquele homem precisava de socorros médicos. Ignorei o comentário. Eu intuía, sem explicação lógica, que o agressivo

sujeito precisava somente de atenção e carinho. Brucutu e orgulhoso, carreguei minha noiva até nossa lua de mel. Ele precisava de um lar.

* * *

Na semiobscuridade voltamos para o meu aconchego.

Eu, Estrogonofe e o mendigo chamado Augusto.

Assim que entramos em casa, levei o homem para o meu quarto. Em seguida busquei uma toalha na cômoda, desci e umedeci o tecido felpudo na pia da cozinha.

Subi novamente as escadas, incrivelmente calmo, ponderado, assoviando algo do Martin Gore. Augusto não me assustava mais. Eu já não sentia nenhuma aversão por aquele estranho que não era estranho.

Posicionei meu corpo fofístico sobre o colchão duro, aprumando minhas costas largas junto à parede áspera. Com delicadeza, levantei e pousei a cabeça de Augusto em meu colo, acariciando com a toalha fria, logo em seguida, o seu rosto encovado, seu pescoço longo e seu peito reto, onde descobri dois chumaços de pelos negros que escondiam mamilos rosados.

Estrogonofe acompanhava aquele ritual de iniciação, num silêncio respeitoso, enquanto minha mão direita retirava o sofrimento daquele corpo varonil.

Uma voz graciosa repetia em minha mente uma frase única, incentivando-me, afirmando que meu ato contínuo estava acalmando aquela alma atribulada. Eu sabia que a qualquer momento um par de olhos castanhos surgiria por debaixo daquelas pálpebras finas.

Então eu veria um olhar emocionado cantarolando, finalmente, um “muito obrigado”. Seria a coroação dos meus esforços samaritanos.

* * *

Exatamente como você e metade do mundo, eu também não sou muito fã de segundas-feiras.

Era o fim de um feriado prolongado. Acordei com o barulho dos últimos carros estrangeiros zunindo na Avenida Beira-mar, uma faixa de asfalto que corta quase toda a ilha. Uma horda de veranistas corria para aproveitar o sol a pino e ganhar as últimas nuances de um bronzeado temporário antes de regressarem a São Paulo ou Sorocaba ou Registro ou...

Eu estava de bom humor, assoviando uma canção do Darren Hayes, enquanto preparava algo substancial como alimento para os meus homens que roncavam no andar de cima.

Augusto dormiu praticamente a noite toda. Esporadicamente, chegou a abrir os olhos, resmungar alguma coisa, bocejar sonoramente e bramir feito um suíno no cio.

O mais incrível é que permaneci sereno o tempo todo, mesmo consciente de ter um forasteiro dentro de casa. Em quinze anos, Augusto era a primeira pessoa que havia ultrapassado o portão e acolhido em meu refúgio.

Não mudei um milímetro da minha rotina. Varri todo o andar inferior da casa, juntei as cacas do cão espalhadas no quintal e lavei algumas peças de roupa.

Saí com Estrogonofe para dar um ligeiro passeio pelas redondezas, e na volta ainda brincamos feito loucos, fazendo a maior algazarra, rolando no gramado do meu lindo quintal.

Eu não me preocupava com Augusto. Era como se ele fosse um amigo querido que estivesse curtindo o feriado prolongado no litoral. A sorte é que justamente onde moro não há muita concentração de turistas: eles preferem o agito no Boqueirão. A paz reinava na direção da Ponta da Praia.

Seu sono excessivo não me incomodava. Eu pressentia que ele estava se recuperando de anos e anos de abstinência social, de amparo, de cuidados, de carinhos, de atenção. O desmaio resultante do primeiro encontro era fruto de uma debilidade física e emocional, segundo minha certa intuição.

Tudo ao mesmo tempo agora. Seu nome sagrado fora pronunciado por um pretendente à vaga do seu coração. A espada retirada da rocha. O sapato de cristal calçado no pé do eleito. Abre-te Sésamo. As portas do seu destino estavam escancaradas, pois era *eu* o detentor da chave mestra.

Deixo-te dormir o sono dos Puros. Beijarei tua boca no momento oportuno. Fantasias tornando-se realidade. Beije o sapo decadente, pois ainda restaram príncipes encantados.

* * *

Já passava das três e eu continuava realizando meus afazeres rotineiros me sentindo incrivelmente leve, alegre, satisfeito. Era como se eu tivesse cumprido com honra uma tarefa muito delicada. Acredito que é assim que se sente quem pratica o bem sem julgar a quem.

Estrogonofe, já se sentindo o dono da casa, começou a rodear entre minhas pernas, exigindo uma nova cumbuca de arroz sagrado.

Satisfeito após se faltar, o pequerrucho saiu em disparada pelo quintal, caçando algo para brincar e se distrair. A vítima escolhida foi o resto de uma camiseta que servia como pano de chão, que até então repousava impassível sobre o velho tanque

de concreto, onde eu geralmente lavava e esfregava toda quinta-feira as minhas poucas peças de roupa. Um salto, uma bocada, horas de diversão!

Como eu não estava acostumado a receber ninguém (acho que nunca estive!), tentei preparar algo para dois, dentro das minhas limitações.

Foi um tanto patético eu me desdobrar na cozinha à caça do que oferecer ao meu hóspede, já que, por opção, muitos ingredientes “normais” há tempos não faziam mais parte do meu desjejum.

Encontrei um pacote de bolacha d’água e meio pote de margarina que faz bem ao coração (segundo o rótulo). Preparei um café forte, fumegante, sem açúcar.

Havia também leite de soja gelado. Improvisei pão amanhecido, cortado em fatias, tostado na frigideira com um fio de azeite de oliva e salpicado com orégano.

E para completar o banquete, foram adicionados três bananas, duas maçãs verdes e um desproporcional cacho de uvas carmim, estupendas!

Tudo isso organizado harmoniosamente sobre a mesa de plástico, que estava recoberta com uma toalha branca, cheia de babados multicolor, limpíssima e ainda com resquícios do cheiro da casa de minha adorada avó. Saudades.

* * *

Augusto desceu as escadas em passos vagarosos, avaliando assustado tudo ao seu redor, tentando compreender onde e por qual motivo ele se encontrava num lugar que visivelmente não se comparava à sua realidade.

Não trocamos uma só palavra. Aquele ser olhou fixamente para mim, apoiando o corpo num dos pilares que sustentavam a construção, do lado da escada.

Mais uma vez, sendo guiado pela mesma voz doce e divina que havia me acompanhado durante a noite, enquanto eu cuidava daquele macho com minhas carícias e meu pedaço de pano úmido, larguei sobre a pia os dois copos que seriam usados durante o nosso café e levitei em direção daquele retrato que eu havia visto calcado nos azulejos frios e molhados do meu banheiro apertado.

A mesma imagem. Aquele rosto macilento dono de um sorriso magnífico, que tomava forma bem diante dos meus olhos. Augusto tentava sorrir. Augusto tentava se encaixar. Ele procurava me dizer algo, agradecer pelos meus esforços, dar um sinal de vida, tomar qualquer tipo de atitude lógica!

Enfim, um sorriso encolhido surgiu como por encanto, dilacerando de uma vez a imagem do brucutu que eu mantive presa nas minhas retinas, contra vontade, ainda fruto do nosso fatídico encontro.

O brilho dos dentes impecáveis confundia meu discernimento. Como poderia um homem naquelas condições físicas tão paupérrimas ter um patrimônio natural tão reluzente estampado na cara?

Avancei, tocando em suas mãos glaciais, finas, deslocadas. Não o conduzi até a mesa. De mãos dadas, deixamos a cozinha para trás. Fomos até o banheiro do lado de fora do chalé.

Estrogonofe continuava suas estripulias junto ao pano de chão agora bem dilacerado. Não deu a mínima atenção ao casal que passava ao seu lado.

Abri a porta. Abri o chuveiro. Abri minha consciência, aceitando algo muito mais forte do que eu podia ou desejava compreender. O silêncio fora quebrado somente pela sinfonia das águas. Das águas que despencavam do chuveiro. Das águas que, ao longe, avançavam sobre a areia.

“Companhia. Você agora tem companhiaaaa...”, dizia o meu amigo Mar, na linguagem arielada que somente nós dois conseguíamos compreender, após tantos anos de íntima convivência.

Despi Augusto ainda do lado de fora. Fiz o mesmo, desamarrando meu calção, deixando-o cair sobre o piso cerâmico. Dois corpos nus, frente a frente, onde a iniciativa corajosa de um lado era complementada com a passividade consciente do outro. Não havia nada mais a ser ocultado.

Observado sem roupas à luz do dia, até que Augusto não estava tão judiado assim. Seu corpo moreno claro era magro, sem excessos, porém firme, delgado, proporcional à altura. O rosto, esse sim, estava maltratado, onde uma barba rala e repleta de falhas tornava as bochechas encovadas um tanto sinistras.

Os olhos castanhos, diminutos, eram rebaixados em sua luminosidade devido a olheiras profundas, arroxeadas, seculares, que tornavam o rosto social horripilante, assustador, triste.

Segurando sua mão esquerda, conduzi Augusto para debaixo das águas convidativas. Aguardei alguns minutos para que seu corpo cansado se revitalizasse no centro daquele calor benéfico.

Desliguei o chuveiro. Mantendo o silêncio, peguei o recipiente de sabonete líquido com essência de erva-doce (meu único luxo), espargindo em seguida uma quantia generosa sobre o corpo do meu homem, massageando-o com uma esponja macia. Movimentos circulares no sentido anti-horário, sempre.

O tempo parou para nós. De olhos fixos nos azulejos brancos, Augusto deixava-se sentir bem cuidado, onde minhas massagens, a espuma, a essência, o vapor, minhas atitudes e o meu coração puro trabalhavam em perfeito equilíbrio e doce

harmonia, reavivando a esperança de dias melhores, de um recomeço, de um resgate de coisas boas, de uma derradeira chance final de ser feliz.

Corpo esfregado e pele e alma renovada, abri novamente o chuveiro para deixar o passado gris descer de uma vez pelo ralo galvanizado. Apanhei um aparelho de barba descartável que repousava em cima do pedaço de madeira aparafusada na parede que servia como base para guardar meus objetos de higiene pessoal.

Segurei-o entre os dentes, como quem sensualiza uma rosa vermelha durante um tango entre iguais. A origem de tudo.

Era chegada a hora da verdade. Eu queria arrancar aquela máscara medonha.

Queria ver o verdadeiro Augusto atrás daquele disfarce que tentava esconder algo que deveria ser revelado somente para mim.

Eu já sabia que aquele homem era o meu Prometido.

Abasteci minha mão com mais erva. Formei uma camada consistente de espuma naquele rosto cansado, massageando-o com tremendo carinho.

Feche os olhos, eu pedi em pensamento, através do meu olhar azul.

Augusto não cedeu ao meu pedido.

Seu olhar acastanhado, profundo e vidrado, acompanhava todos os meus atos.

Havia confiança e cumplicidade entre nós. Era o início de algo divino, algo escrito no segundo sol, que haveria de chegar e realinhar as órbitas de todos os planetas, segundo a maravilhosa poesia interpretada magnificamente pela estrela que hoje abrilhanta o firmamento com sua luz lazulita fulgente.

Estávamos totalmente despidos diante de nós mesmos. Não haveria espaço para segredos e mentiras. Uma nova história. Ou a retomada da nossa *própria* história.

A lâmina corria e fazia o serviço. Em poucos minutos, o homem real surgiu diante de mim: lindo, luminoso, único, completo. O ruir de mais uma barreira.

O vapor etéreo, envolvente, criava o clima perfeito para nos entregarmos ao enlace do amor, selando nossa união com o profundo beijo dos apaixonados. Sim, naquele exato instante, eu confirmava no meu devaneio que Augusto seria o meu segundo homem, o quarto amor da minha vida (depois de minha mãe, minha avó e meu tio) e o primeiro ser humano a completar o ciclo da minha atual existência.

Augusto era uma alma companheira a trilhar o mesmo destino, a percorrer o mesmo caminho, a preencher todo o vazio de uma vida que parecia estar fadada à demência, mas que reservava no final dos tempos toda a magia e a beleza de um amor puro, real, verdadeiro.

Infelizmente, o esperado beijo não aconteceu.

Augusto contou-me sua história:

“Sou o filho único de um casal que já foi muito famoso no cenário artístico. Meu pai foi um dos grandes produtores musicais do país. Minha mãe era uma compositora de surreal talento. Acho que metade das canções populares brasileiras de maior sucesso entre os anos 1970 e 1980 teve a participação direta de um deles, quando não dos dois.

“Mesmo tendo nascido numa casa maravilhosa em Cotia, vivi uma infância cigana, enfurnado em bancos traseiros de carros enormes, entre violões, partituras, fitas cassete, quilos de maconha e litros de vaselina. Já na adolescência, estudar num único colégio era algo praticamente impossível, devido à maratona de viagens imposta pelo meu pai, que costumava acompanhar seus músicos em tudo quanto é canto, além de desbravar centenas de estúdios de som espalhados mundão afora. Mas nesse ponto minha mãe foi fantástica, pois nas viagens ela cultivava em mim o desejo de jamais deixar de estudar a Vida. Com ela aprendi a valorizar a leitura, consumindo todas as revistas em quadrinhos que eram jogadas no meu colo. Foi através das letras escuras nos balões sépias e dos desenhos em preto-e-branco repletos de ação que acabei descobrindo o poder de sonhar e viver em outros mundos.

“Por incrível que pareça, mesmo convivendo com a nata da nossa MPB, me mantive distante desse universo tupiniquim e seus bizarros e fantásticos personagens. Assumo que nos meus momentos de tédio eu me embriagava de Pink Floyd e Genesis. Por causa desses porras aprendi a dominar o inglês, única coisa que sinto orgulho de ter conquistado sem ajuda de ninguém.

“Só sei que cresci. Conheci o Brasil inteiro. Aos quinze anos, em Curitiba, dei os primeiros pegs em garotas deslumbradas e em trabucos de maconha. Nenhum dos dois me deu prazer. Descobri o sabor de um cacete aos dezessete anos. E só aos vinte e dois perdi todas as virgindades com um domador que trabalhava num circo decadente. Enquanto a tenda ficou armada, fui deflorado ao lado das jaulas de leões empalhados e outras vezes penetrei sem dó o rabo peludo do quarentão, onde cartazes de ursos pardos em trajes militares aplaudiam nosso espetáculo profano.

“Durante um luau com meus pais e seus amigos estranhos, numa passagem relâmpago nesta ilha incrivelmente comprida, descobri que nada na minha curta existência carregava sentido. Cansei de acompanhar o pique dos velhos, que nessa época haviam decidido virar budistas e se embrenhar em suas buscas espirituais vagando nos quatro cantos de um Tibete imaginário. Eles se foram. Eu fiquei.

“Fiz as contas das minhas parcas economias acordadas com os dois. Eles riram um bocado diante da minha rebeldia, mas ambos sabiam que eu precisava passar pela

provação da minha própria Escolha. Noventa e oito. Coloquei na cachola que eu passaria a viver com menos de cem paus por mês, durante o resto da minha existência. Enfim, busquei e encontrei um lugar para dormir. Era um barraco descomunal, onde havia peças de barcos espalhadas por todo canto. O velho pescador acabou me cedendo um cômodo úmido nos fundos da sua propriedade. Um cubo de metro e meio conjugado a um banheiro menor ainda.

“Água, somente água seria consumida pelo meu corpo. E frutas, muitas frutas, somente frutas entrariam no meu cardápio. Desde então, nunca mais ingeri nada além disso.

“Quanto ao vestuário, eu trouxe numa mochila o mínimo do mínimo. Até hoje tenho somente duas camisetas, duas camisas de manga longa, uma jaqueta jeans, três bermudas de tecido sintético, zero cuecas, um par de chinelos capengas e três velhas calças de moletom, sendo que essa azul que baila no seu varal ao sabor do vento é a que eu mais gosto.”

Enrubesci, pois durante a madrugada eu havia tomado a liberdade de tirar a camisa e a calça imundas de Augusto, pondo-as para lavar. Dopado pela minha ousadia, para não deixá-lo nu, vesti seu corpo com uma bermuda respirável e uma camiseta larga, limpa e cheirosa.

Augusto só ria, afirmando que não se lembrava de nada disso.

Nem eu concatenava todos os detalhes.

Tudo foi executado num fraternal instinto automático.

Estávamos sentados na frente do chalé. Augusto mascava a casca e as sementes da décima nona uva. Ele continuou seu relato:

“Com o dinheiro que ainda resta, consigo me alimentar e pagar a conta de água. Nunca houve energia elétrica no meu cafofo. Por isso não tenho televisão. Não ouço rádio. Além dos livros, leio a Veja toda semana, quando visito a nossa querida Biblioteca Municipal. São poucas as coisas do mundo que me interessam.

“Sexo? Nem pensar. Eliminei a minha libido com uma estiletada fatal. Depois do homem selvagem que havia me domado entre as jaulas dos falsos animais desolados, trepei com mais uns cinco ou seis caras ao longo desses anos em que estou aqui. O último rabo que eu comi foi de um turista trintão curitibano, e isso já faz um bom tempo. Definitivamente, não pretendo me entregar a mais ninguém.”

Eu comecei a rir nessa hora. Não pude me conter.

“Não ria. Eu sei que estou mentindo.”

* * *

Augusto desandou a falar e falar durante o nosso desjejum tardio. Eu e Estrogonofe ouvíamos aquela história muito atentos, com os olhos esbugalhados, impressionados com a saraivada de filosofias despejadas em hora e meia de conversa.

Eu havia abandonado a vida social por causa de duas decepções pessoais: meu relacionamento frustrado e logo em seguida a perda total da minha família.

Morar sozinho na ilha funcionou como um bálsamo a cicatrizar quase toda minha dor. O inexplicável é que Augusto também havia largado tudo para viver uma existência contemplativa.

O território habitável da ilha é tão pequeno, os caminhos são tão restritos, que eu não conseguia compreender o motivo de nunca havermos cruzado nossos destinos antes. Ambos, desde que viemos para cá, nunca mais voltamos para o continente, nem mesmo atravessamos a ponte para um passeio rápido em Iguape e sua famosa Festa de Agosto. Nunca fomos para Cananeia ou para a bucólica Ilha do Cardoso, nem sequer nos cruzamos em nossas caminhadas solitárias nos setenta e poucos quilômetros de areias e mar e praias paradisíacas que cercam a nossa biosfera.

“Horários distintos, meu amigo. Eu sou o sol da manhã. Você é o entardecer. Enquanto você dormia, eu vagava pelas areias sem fim. E enquanto eu descansava, você meditava, devaneando, sentando no piso frio de concreto do seu lindo quiosque azul. Simples assim!”, filosofou Augusto, liquidando minhas dúvidas.

Sobre as afinidades, não ligávamos para o Dinheiro, não nos importávamos com o luxo ou com o que os outros julgavam ser um hipócrita “sonho americano”. Ignorávamos o mundo dos homens. Contemplávamos o paraíso da Criadora.

Buscávamos o entendimento de nós mesmos. Pressentíamos e assumíamos que o homem não pode se realizar plenamente sem a participação do seu Complemento.

Todos nós buscamos nossas almas companheiras. Todos nós.

* * *

Desde que havia se mudado para ilha, Augusto queimou todos os seus documentos, exceto a Carteira de Identidade, durante o que ele descreveu ser um “ritual de passagem”, após ter entornado a última garrafa de vinho, durante a virada de ano em 1998.

Mesmo para o velhinho anjo japonês paranaense que lhe havia cedido o cômodo para morar, em troca do pagamento da conta de água e de zelar pelo decadente patrimônio alheio, Augusto jamais revelara o seu nome verdadeiro. Muito menos o sobrenome famoso. Nada a esconder, somente a omitir um passado tedioso e errante.

Augusto afirmou com veemência que durante nove anos trocou ideias com pouquíssimas pessoas. Não tinha amigos. Ele costumava entrar no varejão da

Avenida Copacabana e escolhia, comprava e pagava suas frutas em silêncio. O mesmo ocorria quando ia quitar a conta de água na única lotérica da ilha.

Sacar o dinheiro, todo dia doze, só se o ato fosse realizado nos caixas eletrônicos; assim não precisava mostrar o seu cartão para ninguém.

Achei engraçado e ao mesmo tempo algo amalucado quando ele relatou que sempre que sacava os tais cem reais, trocava o dinheiro em notas miúdas e “doava” uma nota de dois reais para a primeira pessoa que cruzasse o seu caminho durante a volta para casa. Só podia restar noventa e oito. Essa era a promessa.

Quando perguntei como ele fazia para entregar a nota sem ter que justificar seu ato diante da pessoa em questão, suas faces enrubesceram, e fiquei sem saber qual era, enfim, o truque barato.

Pigarreando, como que desejando mudar de assunto, ele concluiu a história dizendo que o máximo que as pessoas recebiam em troca, além da nota, era um leve sorriso tímido. Nada além!

Cada doido com a sua lucidez...

* * *

Estrogonofe tinha aproximadamente quatro meses de idade. O dito-cujo dormia profundamente sobre a esteira de Augusto, enquanto este se ausentara por alguns instantes, quando fora buscar um pouco mais de ração ao filhote esfomeado.

Vinte minutos depois, ao voltar com a doação do quilo e meio de comida para o filho (santa Paróquia!), Augusto tomou um grande susto quando não encontrou o pequeno descansando no centro do cubículo bolorento. Ele então saiu em disparada pelas ruas do balneário Xandú, onde morava, tentando localizar o seu amiguinho fujão, que havia desaparecido sabe-se lá de que maneira.

Foram horas de buscas inúteis.

O cansaço trouxe Augusto de volta para casa. Arrasado.

Na manhã seguinte, nova investida sem sucesso. Augusto rodou meia ilha e nada. Cansado, suado, sujo, inconsolável, deitado nas areias quentes por causa do sol do meio-dia, foi no balneário Porto Velho que ele cochilou e foi presenteado com um sonho perturbador.

Em outra dimensão, o afogamento envolvia seu coração, onde pontadas agudas agrediam seu peito estreito. Angústia, desespero, o que estava acontecendo? As lágrimas invadiram sua visão periférica, turvando seu equilíbrio interior.

Sentindo uma dor insuportável, Augusto entregava-se ao desespero e soluços sacudiam toda a estrutura do seu corpo perturbado.

Ele gritava por socorro, mas era ignorado pelas gaivotas e pelos urubus que planavam sob seu perispírito, pois os seres alados prestavam mais atenção nos restos de peixes que o mar oferecia para a farta refeição daquele início de tarde.

Augusto sentia-se fraco, incapaz de tocar as areias perdidas lá embaixo. Ele afundava as mãos finas em nuvens imaginárias, massacrando grandes porções de algodão que escorriam entre seus dedos quebradiços.

Era chegada a hora de abandonar a sua existência solitária e somar uma vida com alguém especial, dizia-lhe uma voz profunda pronunciada de um lugar muito distante. O sol cegava-lhe a visão e uma mancha negra permaneceu fixa por segundos em suas retinas. Ela tomava a forma de um rosto amoroso de traços quadrados. Augusto viu o *meu* rosto no etéreo. Augusto guardou na memória as nuances do meu olhar azul intenso.

Trombetas douradas foram tocadas por um casal de cupidos sem asas que levitava ao lado direito do moreno perdido. Divino, aquilo só podia ser algo divino!

Rapidamente, foram atiradas em seu peito duas flechas com pontas flamejantes que provocam dores lancinantes, forçando-o a despertar e tomar uma atitude extrema na procura definitiva daquele que foi “o prometido” antes mesmo de ele descer, nascer e cumprir suas tarefas na nova vida terrena.

“Você o encontrará após seguir os rastros na areia iluminados pelo meio-sol. Você recordará do perfume tão conhecido, exalado do corpo de um homem-fêmea que estará protegendo o teu filho. A alma companheira confirmará a tua identidade, revelando o teu nome, o nome que querias sepultar no teu passado. Ela sofreu por sete dias, tentando compreender as revelações do Destino. É chegado o fim do isolamento e o começo de uma união repleta de momentos gloriosos, onde a energia emanada pelo novo casal harmonizará mentes e corações que ainda não tiveram a chance de acreditar no amor verdadeiro. Vai, Augusto, busca o que é teu.”

* * *

Nós escolhemos o nosso destino. Nós optamos ser o que somos.

Nós somos incentivados a cumprir nossas metas no Planeta, porém nada pode ser completado solitariamente. A participação de um casal que cultiva o amor é fundamental para o sucesso de qualquer empreitada.

A flecha, a dor, o aviso. Havia chegado o momento. Eu e Augusto sentimos a aflição do isolamento que cavamos para nós. Passamos pelas mesmas experiências que acabaram conduzindo ao encontro de nossas almas afins.

Presos em uma ilha nos confins de São Paulo, vagamos por anos a fio sem que descobríssemos a existência física um do outro, já que nossas mentes embotadas não

permitiam que nossas intuições se afinassem, atrasando o nosso derradeiro choque de realidades.

Passamos, muito tempo, enclausurados em nós mesmos.

Somente pela dor purgatória é que conseguimos acordar para a graça do Amor.

Foi por isso que Augusto sentiu a vontade reprimida ao tentar se comunicar comigo quando me viu sentado com o nosso filho no meu colo. Foi por causa da sua visão confirmada que ele não resistiu e desmaiou quando sentiu o seu nome oculto pronunciado por um estranho desde sempre conhecido. Foi por causa do nosso encontro definitivo que eu sofri enormemente durante sete dias, tentando compreender o que estava por vir.

Havia um motivo para estarmos juntos.

E juntos descobriríamos a razão da nossa premeditada união.

* * *

Augusto mascou e engoliu mais umas quinze uvas pequenas enquanto finalizava seus causos. Eu bebi um pouco de leite vegetal e belisquei algumas rodela de pão torrado. Desfrutamos o Silêncio. Aprisionamos as palavras desnecessárias. Bastava a nossa presença, um diante do outro, um ao lado do outro. Era como se já vivêssemos debaixo do mesmo teto há milênios!

Gastamos a outra parte do nosso tempo em brincadeiras infantis com Estrogonofe, que, exaurido no final da tarde, subiu até o quarto, capotou sobre nossa cama e foi levado para dar um passeio na companhia do Senhor dos Sonhos.

De repente, sem qualquer assunto interessante para iniciar um novo diálogo e sem atividades programadas, apesar da caralhada de coisas que ainda deveríamos conversar e sentir e viver, Augusto, taciturno, cabisbaixo, apanhou seus tecidos do varal, vestiu-os, deixando antes as minhas roupas emprestadas sobre o tanque.

Ele beijou minha fronte suada, onde uma lágrima abandonando seu olho direito pousou bem na ponta do meu nariz afilado.

Augusto abriu o portão e se foi, sem ao menos olhar para trás. Eu fiquei prostrado no gramado, sendo observado em silêncio pelas complacentes estrelas que, embaraçadas, tentavam me presentear com o habitual “boa noite” luminoso.

A madrugada chegou e o frio fez com que eu recolhesse meu vazio cheio de inerências para debaixo da amarfanhada coberta queimante, onde repousei meu corpo inerte junto ao corpinho pulsante, cheio de vida, do meu filho recém-adotado.

Era o fim de um recomeço.

* * *

Acordei por volta das dez da manhã. E só levantei da cama por causa das estripulias de Estrogonofe, que agora exigia a sua cota de leite vegetal.

O dia estava bonito, limpo, perfeito. Cumprimentei o mar com minha saudação mística, onde as palmas das minhas mãos unidas reverenciavam os deuses das águas repletas de vidas.

Preparei o leite do pimpolho. Tomei um simples copo d'água. Inspirei a brisa da manhã. De olhos bem fechados, eu tentava compreender tudo o que estava acontecendo comigo, com Augusto, com o *nosso* universo.

Eu, deitado em meu colchão duro, aquecido durante a noite fria graças ao meu menino peludo e ao único cobertor que havia na casa. Ele, tiritando no centro daquele metro e meio opaco, com os ossos apoiados sobre uma esteira velha, gasta, pinicante. Sozinho, mas certamente pensando em mim e no nosso filho que estava sob minha guarda.

Eu quero acreditar!

Por que você foi embora? Por que não abandonar a solidão e se entregar aos desígnios do nosso destino? Do destino que nós dois havíamos traçado antes de voltar a viver no lado do Baixo? Por que não aceitar o inevitável e se unir a mim-eu-mesmo em carne e espírito e juntos vivermos de uma vez aquilo que havíamos programado passar unidos mesmo antes de “nascermos”?

Por que, raios, o bendito filhote ficou comigo e este pai desnaturado nem ao menos se despediu da sua responsabilidade em forma canina?

Eu gritava por dentro, tentando engolir uma revolta infundada. Para tudo havia um motivo, uma resposta.

Comecei a limpar a casa. A rotina não seria quebrada novamente.

Eu realizaria o meu próprio recomeço.

* * *

O vento frio vindo do Sul trouxe o perfume da alfazema e meu coração, de repente, bateu mais forte. O ranger do portão sendo escancarado e o brilho de um olhar direcionado para o interior do meu espírito ansioso elevou a potência das minhas esperanças ao nível máximo.

Soldado sobre o gramado, ele segurava um buquê de rosas amarelas, uma raridade aqui na ilha. Não tenho a mínima ideia de como Augusto realizara tal feito.

Meu homem estava trajando uma bermuda azul de caimento perfeito e uma camiseta de mangas curtas imaculadamente branca, realçando a imponência de sua postura decidida. Os cabelos pretos estavam penteados para trás, cobertos por uma

espécie de gel, onde o brilho proporcionado pelo sol irradiava ainda mais o rosto agora bem corado, de rara beleza.

Obras de arte só precisam de luz adequada para manifestar todo o seu esplendor.

Sem palavras, Augusto prestou-me uma reverência dramática, abrindo o sorriso mais radiante que um homem pode reproduzir quando está perdidamente apaixonado. Apatetado, apanhei minhas flores com delicadeza, enquanto um Estrogonofe estabanado fazia a festa diante do seu pai encabulado, que o acolheu em seus braços morenos, onde os finos pelos negros eram alisados com a língua miúda do cão, como que a beijar em gratidão pelo retorno do ser tão amado.

E assim, finalmente, ganhei o abraço, onde selávamos o nosso noivado com as bênçãos do Mar, do Vento, do Sol, da Brisa, da pureza do nosso pimpolho e do beijo suave e profundo que trocamos a seguir, ainda no portão de casa.

Trocamos o beijo daqueles que sabem o que é realmente o Amor.

“Ricardo, meu amor, eu precisava passar a última noite na companhia da Solidão. Eu tinha que dar o passo decisivo na minha vida, escolhendo ou não viver ao lado daquele que certamente quer o meu bem. Eu nunca esperei nada do mundo e nada mais desejo para mim, a não ser uma única chance de ser feliz ao lado de alguém assim como eu... alguém assim como você. Eu te...”, disse Augusto, chorando, apoiando nossas frentes uma na outra, respirando a mesma química que exalava de nossas narinas, sentindo o mesmo tremor que sacudia os nossos corpos e fazia vibrar todos os nossos doze sentidos.

Eu não disse nada. Troquei mais um beijo com o meu amado, sentindo a essência doce de sua língua abrasadora, gulosa, atrevida.

Segurei sua mão direita. Subimos as escadas que davam acesso ao nosso quarto. Ao som do *Lighthouse Family*, despetalamos as rosas, forrando o nosso ninho com os pedaços sedosos da paixão.

Nossas roupas foram retiradas e depositadas no chão de madeira, aos pés da cama. A música e o perfume das pétalas inebriavam o nosso desejo de união plena. Humildes, em telepatia, agradecemos aos Céus pela última oportunidade oferecida. Nus, ainda em pé, acariciávamos os nossos músculos enrijecidos, numa coreografia lenta, atrevida e sedutora.

Encostamos a porta para não sermos incomodados pelo filhote, que na verdade nem sequer estava disposto a presenciar nossos atos divinos, pois guerreava com o velho pano de chão, agora seu fiel companheiro de travessuras, correndo ensandecido entre o gramado e a cozinha.

A vida é feita de recomeços.

Ignoramos o universo.

O tempo terreno cai por terra quando fazemos amor.

Eu perscrutava todos os detalhes do corpo de Augusto com as pontas macias dos meus dedos fortes. Minha língua cobria a vastidão do meu macho, sentindo o gosto de cada poro, a vibração de cada músculo, o calor de cada membro que minha boca atrevida escolhia, aleatoriamente, para ser degustado.

No primeiro *round*, na luta obsessiva por saciar todos os desejos incubados por anos de solidão, beijei, chupei, mordi cada centímetro do meu amante prometido.

Horas de domínio completo. Eu era o Mestre. Augusto, meu Escravo. Viramos o tabuleiro. Augusto, grosseiro, mordeu toda a extensão das minhas coxas grossas, lambendo avidamente meus contornos e dobras, deliciando-se com meus gemidos guturais, onde meu corpo possuído debatia totalmente sem controles.

Ficamos no oral até o avançar da noite. Nossos corpos fumegantes e melados sentiram o enlace do vento sul. *Vamos até o Quiosque Azul*, disse Augusto, mordiscado minha orelha direita. *Eu quero te possuir no teu recanto de meditação*.

Entre risos travessos, levantamos nossas luxúrias. Descemos as escadas de mãos dadas, nus, eletrificados. Irresponsáveis necessários, sem pesar ou pensar em nada, tendo em mente a vontade louca de sentirmos nossos sexos dentro e fora de nossos corpos num rodízio contínuo, abrimos o portão de madeira e saímos galopando pelas areias sob as bênçãos da lua, que com sua luz galvanizada, iluminava o nosso percurso de Oz.

Nus, leves, soltos, libertos, felizes.

Caminhávamos “genequeliano” nossos pés nas areias pesadas. Afundávamos nosso passado medíocre sob o peso de nossos corpos livres, deixando as pegadas fundas serem eliminadas pela maré não mais traiçoeira.

Éramos os únicos na escuridão daquele paraíso na terra. Nossos sexos, empinados como forquilhas a procurar a fonte da juventude, apontaram enfim para a pequena construção de madeira e concreto, parcialmente escondida debaixo da umidade condensada de uma noite mágica, envolvente, única.

Eu segurava num dos troncos de madeira que sustentavam o telhado do quiosque. Augusto beijava minhas partes baixas, procurando molhar com sua saliva doce o centro do meu prazer. Senti seu sexo a me penetrar numa bela e derradeira estocada certa. E no tremendo vai e vem, eu chorava de prazer e alegria por ser amado em plenitude pela primeira vez!

O mar à frente era testemunha do meu estado de felicidade plena. Eu era Eva no Paraíso. E meu Adão ora mordiscava minhas maçãs, penetrando meu rabo guloso com sua cobra sagrada. E a Deusa não nos expulsou do seu Éden, pelo contrário. Ela

acarinhava os Seus Mamilos Divinos, enquanto bolinava em Seu Báculo Universal, extasiada ao presenciar o perfeito amor praticado pelos seus filhos livres, leves, soltos.

Augusto saiu de mim bambo e ofegante; e buscou meus lábios em lavas, virando o meu corpo com uma força descomunal, ensandecido em desejos, pois havia refreado seu êxtase, que precisava compartilhar comigo, tudo ao mesmo tempo.

Agora encostado na parede fria e áspera, minha cintura foi agarrada com firmeza, e uma bocarra engoliu meu membro de bom calibre, de uma só vez, onde em movimentos ritmados, num rebolado-madonna, eu entrava e saía daquela garganta elástica.

Perdi os sentidos de tudo. Meu suor ácido se misturava à brisa salgada. A saliva quente da boca majestosa de Augusto lubrificava cada vez mais o meu sexo, que a qualquer momento explodiria como um vulcão em ascendente atividade, após ter adormecido por séculos sem fim.

Com ânsia, de maneira estúpida, puxei Augusto pelos cabelos e busquei seu beijo profundo. Seguramos os nossos sexos, beijamos nossas bocas, mordemos nossas línguas, roçamos nossos pelos, trocamos nossas mãos punheteiras, mordemos nossos queixos até urrarmos de dor, quando o êxtase explodiu em demasia, e esgotados, atiramos nossos restos mortais sobre o piso de tijolos rasurados.

Isso sim é um belo recomeço!

* * *

Voltamos, batizados e iluminados, para nossa casa, pisando em flóquis. Era o fim da madrugada e algumas gaivotas nos adiantaram um sonoro “bom dia”, contagiadas com a nossa felicidade.

Ríamos como dois bêbados vindos da farra. Ousados, nossos corpos nus tremiam descontrolados por causa da força do vento glacial que vinha da Ponta da Praia. É claro que não cruzamos com nenhuma alma humana. Apenas caninos riam da nossa nada vergonha. Confesso que, no fundo, torcíamos para deparar com algum grupo de pescadores matutinos, que certamente ficariam boquiabertos com o nosso atrevimento.

Tudo é possível em Ilha Comprida!

* * *

“E eu que achava que você era um mendigo, alguém desamparado, sem oportunidades”, eu disse, enquanto preparava um pouco de café para mim e lavava uma maçã para ele.

“Na verdade, meu amor, eu me comportei como um sem-nada todos esses anos. Fui pobre na minha ignorância e na minha revolta contra um mundo que eu achava estranho demais. Estive desamparado por mim mesmo, entregando-me ao senhor Rotina, essa insuportável. Não sei se desperdicei muitas chances no meu passado. Tive o que eu merecia. Sempre escolhi meu próprio caminho”, filosofou Augusto, agarrando-me por trás, sussurrando as palavras nos arredores do meu atento e ouriçado ouvido esquerdo.

Entreguei a fruta purificada ao meu amado.

Meu olhar enternecido encontrou um olhar tímido, de um garoto feliz que havia voltado para o seio do seu verdadeiro amor.

“Augusto, eu queria te pedir pra fic...”, minhas palavras foram interrompidas com um beijo de lábios fechados.

“A resposta, Ricardo, é ‘sim, eu vou ficar contigo...!’”, confirmou Augusto, tentando conter as lágrimas. Lágrimas doces que acabei sorvendo, como quando se degusta o mais puro hidromel.

* * *

O inverno mostrou toda a sua força naquela terça-feira cinzenta.

Eu, Augusto e Estrogonofe estávamos na cozinha comemorando nosso segundo mês de união.

Augusto levou alguns dias para se mudar definitivamente para minha casa. O motivo da demora foi tentar encontrar alguém de confiança para ficar tomando conta do barracão-cemitério de barcos.

Ele descobriu uma senhora que havia deixado a Bahia e se aventurado na ilha, vendendo seu artesanato de conchas. Ela procurava um local para ficar em definitivo. Bastou um telefonema, um “sim, tudo bem” do anjo japonês, a entrega das chaves e um “boa sorte”. Augusto voltou ao *nosso* lar.

Oh, Santa Providência!

Após nos refestelarmos com nossas porções pírias de alimento – Augusto consumiu duas laranjas. Eu, um copo enorme de suco de laranja e um pãozinho pincelado com azeite e abarrotado de lascas de alface-americana. Estrogonofe devorou em segundos sua ração misturada com o bendito arroz branco –, saímos para um passeio pela praia, desafiando a força do vento.

Encapotados debaixo dos nossos moletons, caminhávamos a passos curtos, observando atentamente o patinhar de Estrogonofe à nossa frente, pois eu temia que o dito-cujo mandasse goela abaixo alguma porcaria incrustada na areia.

Um vulto distante chamou a atenção do nosso filho, que saiu em disparada ao encontro de alguém que, assim como nós, resolverá desafiar a força da Natureza.

Augusto ficou espantado ao deparar-se com a mulher que havia se mudado para o seu antigo abrigo. Maravilhada, ela trazia um Estrogonofe esparramado nos seus braços gorduchos, ambos fazendo caretas medonhas um para o outro.

“Olá, dona Rita. A senhora resolveu sair de casa e experimentar o nosso inverno? Que coragem!”, disse um Augusto excitado, todo pampeiro diante da nova amiga. “Este aqui é o meu marido, Ricardo”, ele continuou, fazendo as honras da casa.

Dona Rita entregou com delicadeza Estrogonofe a Augusto, abraçando-me calorosamente logo em seguida.

“Que lindo casal vocês formam. Dá para ver que foram realmente moldados um para o outro. Sinto isso na energia que envolve vocês dois. Ela é linda, palpável, abençoada!”

Fiquei envaidecido com o comentário. Augusto beijou meu rosto, sob os protestos de Estrogonofe, sufocado entre seus protetores.

“Meninos, eu preciso fazer uma coisa”, disse, bem séria, dona Rita, assustando-nos com sua repentina mudança de humor.

Ela começou a procurar algo dentro do casaco de lã, em algum bolso secreto perdido em seu interior felpudo. Um brilho surgiu em seu olhar, seguido de um gritinho triunfante de vitória.

Dona Rita retirou um saquinho do bolso, onde havia seis ou oito anéis em tons dourados, confeccionados de algum material reciclado. Reparei na tatuagem de um delicado cogumelo que havia no pulso da sua mão direita.

“Vocês são aves raras no turbilhão daqueles desesperados que ainda se encontram na mundana busca de seus companheiros de jornada. Vocês são seres privilegiados, pois foram agraciados com o amor verdadeiro e souberam se entregar sem limites à vivência plena desse amor que ainda precisa provar sua realidade diante dos Ignorantes. Sendo assim, a partir desse momento preciso, eu fundamento essa união sagrada, abençoando essas alianças em nome da Deusa”, trinou dona Rita, visivelmente emocionada, segurando dois anéis entre os dedos da mão esquerda.

Eu e Augusto ficamos embasbacados diante daquela cena. O único que estava se divertindo a valer era Estrogonofe, que uivou ao final da sagrada oração proferida por aquela mulher fantástica.

Dona Rita caminhou até as ondas e purificou os anéis nas ondas revoltosas, enquanto pronunciava à boca pequena alguns mantras pra lá de estranhos.

Ela voltou das águas segurando os dois objetos cintilantes, agora com a mão direita. Ao lado de Augusto, que estava lacrimoso, dona Rita abriu a mão, indicando-lhe que pegasse o anel do seu lado esquerdo.

“A Deusa abençoa essa união”, ela orou, num tom de voz que tentava suplantar o vento sul.

Augusto aconchegou o anel em meu dedo trêmulo, o qual se encaixou com inacreditável perfeição. Fiz o mesmo com o outro anel e ao colocá-lo no dedo fino e frio do meu amado, repentinamente uma leve garoa cobriu os nossos corpos enregelados.

“Ela ouviu minhas preces. Ela e Seus anjos choram de alegria por vocês, meus amigos. Nossa Deusa está presente!”, cantou dona Rita, em prantos comoventes.

Finalizamos o ritual com um beijo discreto.

A emoção, as lágrimas e a garoa cegaram nossa visão por alguns instantes. Quando recuperamos os sentidos, dona Rita estava de braços abertos, aguardando sua recompensa destilada em forma de um longo e caloroso abraço a três.

Estrogonofe saltitava de contentamento, ao presenciar a união definitiva de seus pais adotivos. Dona Rita apanhou o pequeno, enquanto irrigava uma das mãos nos seios da garoa que aos poucos prometia se transformar em chuva carregada.

“Os anjos querem purificar o pequenino com suas lágrimas inefáveis. É chegada a hora do último batismo.”

A mulher enviada pela Providência juntou um pouco de água pura na palma da mão, esparramando-a em seguida, com extremo cuidado, sobre a cabeça do nosso filho, que permaneceu prostrado durante todo o ato.

Inacreditável!

“Em nome da Mãe, eu abençoo essa nova vida”, dona Rita proferiu a confirmação numa cadência emocionante.

Chorávamos copiosamente ao ver nosso filhote ser agraciado com o batismo divino. Dona Rita entregou Estrogonofe a Augusto. O danadinho caiu no sono de imediato, aninhando-se nos braços ternos do pai.

“Vão, meus filhos. A felicidade da Mãe estará presente em todos os momentos de suas atuais existências. Façam o bem, sejam prestativos e deem sempre o melhor de si. É a única maneira de salvar o mundo. É o único caminho que leva à verdadeira Felicidade!”, orientou dona Rita, abraçando-nos mais uma vez.

Chovia a quase uma semana, impedindo que saíssemos de casa.

Augusto e eu passávamos horas deitados juntos sobre o tapete do nosso quarto, entre almofadas fofas e coloridas, entretidos com nossos livros, em silêncio.

Estrogonofe, sempre ligado no quatrocentos e vinte, subia e descia as escadas para chamar a nossa atenção, querendo gastar um pouco de sua inesgotável energia.

Quando não estávamos lendo, namorávamos muito, descobrindo novas maneiras de proporcionar prazer um ao outro.

Também passávamos longas tardes e noites conversando, colocando todas as nossas vivências em dia. O diálogo aberto e sincero é o melhor trunfo para o sucesso duradouro de uma relação íntima.

Assim, gastávamos o nosso tempo, investindo em nós mesmos, aprendendo a superar nossas diferenças, a conviver com nossas limitações, a aumentar aquilo que tínhamos de positivo, transformando todos os nossos atos em alicerces de companheirismo, carinho e amor.

* * *

Num sábado opaco carregado em tédios, eu organizava algumas coisas do meu marido retiradas de um envelope em frangalhos, quando encontrei uma amassada foto colorida mancomunada com o sépia, onde um Augusto jovem, de terno e gravata, aparentemente deixava o interior de um prédio comercial na famosa Avenida Paulista.

A poucos metros do “jovem executivo”, percebi dois homens desfocados em segundo plano. Um deles, o mais clarinho, encarava Augusto com um olhar guloso, repleto de dúvidas e desejos.

Quando Augusto voltou da caminhada com Estrogonofe, me encontrou aos prantos sentado à mesa da cozinha, com a foto grudada na mão.

Ele me abraçou, perguntando, tenso e preocupado, o que havia acontecido comigo. Depositei a foto sobre a mesa, apontando para os dois caras no fundo da imagem.

“Ahh... essa foto foi tirada pelo meu pai, um eterno gozador, que queria mostrá-la depois para minha mãe, dizendo-lhe que seu filho havia aderido ao Sistema... e daí?”, disparou Augusto, aflito, tentando me consolar, envolvendo meu corpo agitado em seu abraço titubeante.

Ele gargalhava, confuso e surpreso, afirmando que aquela era a única foto dele em traje de gala, na inusitada ocasião em que acompanhou o pai numa reunião de executivos de uma grande gravadora.

Em soluços, eu continuava apontando para o outro extremo da imagem, quando finalmente consegui pronunciar algumas palavras:

“Meu amor, esses dois ao fundo, aqui do lado esquerdo, são eu e meu tio George. Eu havia acabado de me separar e estava procurando uma casa para morar, daí a visita ao escritório imobiliário do meu tio, que ficava nas redondezas.”

“Nesse dia, quando vi você, de costas, perdi imediatamente a firmeza do corpo e do espírito. Mesmo sem encarar o teu rosto e sentir o teu olhar, algo me dizia que você um dia seria muito importante na minha vida. Lembro-me que quando nos separamos – dois pra lá, dois pra cá –, tentei esquecer esse incidente. Derramei algumas lágrimas discretas, emocionado, ao sentir o perfume da tua alma, quando me afastei de você e...”, minha boca foi tapada delicadamente, pois Augusto queria completar a minha emoção.

“... eu também experimentei o mesmo, apesar de também não ter visto você, apenas sentido o teu perfume único. O mesmo aroma que o vento me trouxe naquela tarde, quando eu, desesperado, tentava encontrar o *nosso* filhote. Fiquei atônito ao relembrar tudo o que havia acontecido recentemente, durante aquele sonho revelador. Eu vi o trecho do meu próprio filme que eu julgava ter sepultado no passado. Fiquei muito nervoso ao tentar compreender de onde eu havia sentido aquele perfume maravilhoso. A essência da tua alma apaixonada. Aqui está a resposta. Nessa imagem fixa pelo tempo está a prova do início do nosso reencontro. Foi o primeiro aviso!”

Augusto ajoelhou-se à minha frente, beijando a ponta dos meus dedos irrequietos.

“Tivemos que passar pelo isolamento voluntário para conquistarmos novamente a chance de um recomeço. Trilhamos caminhos paralelos até desembarcarmos no pequeno paraíso que a Providência nos reservou com exclusividade”, disse meu amado, enquanto Estrogonofe saía e entrava de mansinho na cozinha, confuso com sonoridade da enxurrada de lágrimas que vertia do casal apaixonado.

Meu homem abraçou nosso filhotão, que se sentindo protegido, retribuiu o carinho lambendo o rosto do pai, alternando as lambidelas em meus joelhos desnudos.

“A Deusa me presenteou com dois amores. O que mais eu posso desejar nessa existência?”, bradou Augusto.

Abracei meu marido e meu filho. A luz âmbar que atravessava a janela da cozinha transformava aquela cena comovente num retrato renascentista.

Obras de arte só precisam de luz adequada para manifestar todo o seu esplendor.

Curiosidades

“Augusto” foi escrito em uma semana, entre os dias 4 e 11 de agosto de 2007.

Foi a minha homenagem ao paraíso que me acolheu e também a algumas pessoas que marcaram minha existência; seres iluminados que cruzaram meus caminhos enquanto morei em Ilha Comprida, litoral sul de SP.

As locações descritas são reais. Rita, Márcia, Estrogonofe e “Japonês” também são. O casal central, embora fictício, tem muito a ver com aquilo que acredito ser a união ideal entre duas pessoas que realmente se merecem.

Espero que você, um dia, tenha a chance de encontrar um “Ricardo”, um “Augusto” ou mesmo um “Estrogonofe” e possa viver intensamente uma linda história de amor.

M. S.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**